

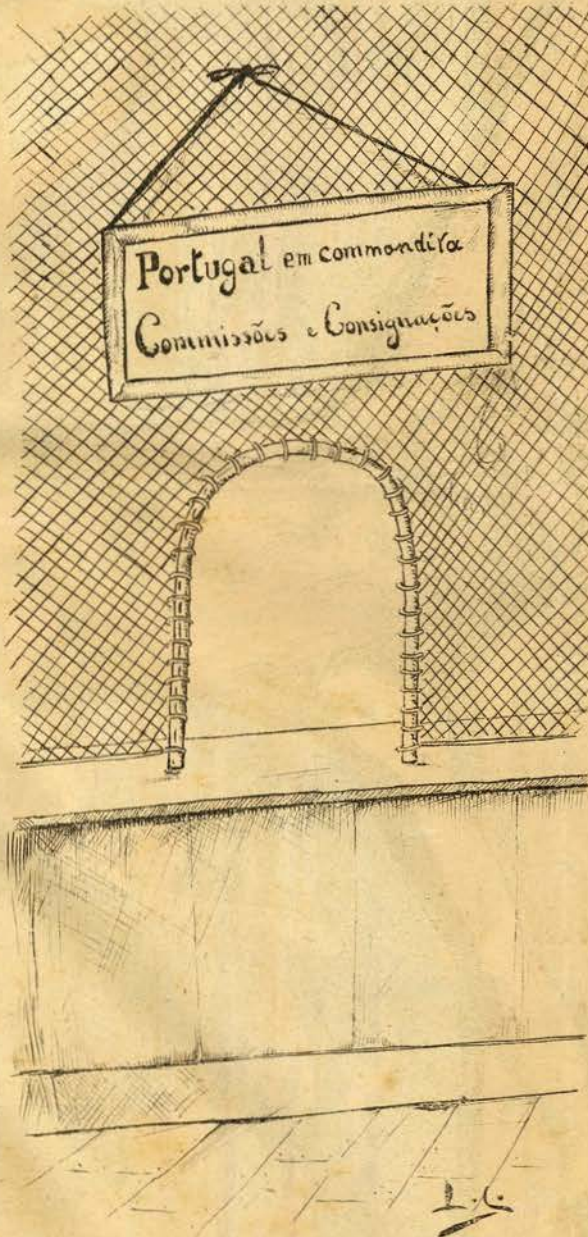
Marselheza

Caricaturas de LEAL DA CAMARA

LISBOA, 6 DE MARÇO DE 1898

O semanario a «Marselheza» e o jornal de maior circulaçao em todo o Governo Civil.

Portugal em comandita



Os republicanos e a conversão

Com o governo e a imprensa republicana esta-se dando o que sempre se deu entre o poder e os seus inimigos.

O governo, sempre allegando que os seus actos encontram a sympathia do paiz, promove todavia perseguições contra os jornaes republicanos, por estes os affirmarem antipathicos a opinião publica.

Ora, se na realidade, como o governo allega, os seus actos são sympathicos a opinião, que mal lhe pôde fazer que os republicanos digam o contrario?

De duas uma: ou o que o governo faz é bom e o paiz como tal o julga applaudindo-o; ou é mau e o paiz o reprova.

Se é bom, a imprensa republicana affirmando que é mau, não só não pode ser prejudicial ao governo como lhe traz vantagens, tornando-se impopular para contrariar a opinião do maior numero.

Se é mau, o governo pôde perseguir os jornaes republicanos que lh'o dizem, allegando que não os quer ouvir, mas nunca allegando que elles apregoam opiniões e doutrinas falsas.

Mas o governo e a sua imprensa allegam mais que os jornaes republicanos não tem importancia junto da opinião publica; e aqui o absurdo toma novas proporções.

Se os jornaes republicanos não tem influencia junto da opinião, são inoffensivos, e n'este caso como explicar que os persigam pela forma porque o estão fazendo, chegando a impedir que elles circulem?

É extraordinario!

O governo podia dizer: «a imprensa republicana tem um grande publico e sobre elle uma larga influencia. E' portanto um agente poderoso de opinião, de quem nos cumpre defendermo-nos, levantando todos os embaraços á sua obra.»

Assim, estava bem. Explicavam-se as perseguições — os assaltos nocturnos aos presos revolucionarios, a censura previa, a apprehensão, o sequestro.

Era o governo defendendo-se de um inimigo.

Mas que o governo declare que a imprensa republicana não lhe faz mal e a persiga, não se comprehende. No caso sujeito da conversão, por exemplo, affirma o *Corveio da Noite*, todos os dias, ou antes todas as noites, que o paiz morre de amores por ella.

Ao mesmo tempo, porém, o governo apodera-se precipitadamente de todos os jornaes que affirmam o contrario.

Ora, se a conversão é effectivamente uma obra applaudida pelo paiz, que pode importar ao governo que duas ou tres vozes isoladas a reprovem?

O conselho que nós portanto dariamos ao governo, se elle, habitualmente tão esclarecido, precisasse dos nossos conselhos, seria que deixasse fallar os republicanos, porque o paiz, que reclama a gritos a Conversão, como os creanças reclamam a Emulsão Scott, ha-de acabar por apedrear irremediavelmente a democracia, que combate tão util operação, e levantar nos seus eidos os representantes da monarchia, que a promovem.

Descanse o governo: Os povos sabem fazer justiça! E deixe lá os republicanos...

Ivan.

Porto
Nesta cidade é impresso, unico agente o sr. Amalido Trindade, rua de Sa da Bandeira, 11.

Assignaturas por series de 24 exemplares
(Pagos adiantados)

Lisboa e provincias..... 360 réis
Africa e estrangeiro..... 720

Coimbra
Em Coimbra é no se unico agente o sr. Manuel Figueiredo, rua da Rua dos Carmos, 4.



Duplamente colegas



Os nossos colegas *O Paiz* e a *Vanguarda* estão-se tornando dois jornaes de grande circulação em todo o Governo Civil

LISBOA NA RUA



O scenographo Eduardo Reis pintando um pequeno passarinho!..